



Novos debates presidenciais: o mediador colocado de escanteio e a desinformação fazendo gol¹

Gabriel Bhering, UFJF²

Resumo: Em 2018, a desinformação se manifestou principalmente pelas “fake news” comprometendo o resultado das eleições, pois muitas pessoas tiveram o processo decisório impactado por narrativas criadas com o intuito de deslegitimar propostas, difamar ou induzir ao erro. Em 2022, é possível afirmar que esse fenômeno também esteve presente nas eleições, só que se manifestando para além das “fake news”; exemplificando, uma das formas que também ganhou destaque ao propagar a desinformação, desta vez, foi a “deepfake”.

Além de novas formas de desinformar ganhando força, é preciso chamar atenção para o modelo de debate aberto estruturado pela Band, que ganhou reprodução semelhante na Globo. Essa nova proposta ajudou na propagação da desinformação, pois o jornalista, ao ter o seu papel de mediador colocado de lado, realizou menos intervenções e pouca, ou quase nenhuma, condução, mesmo quando o debate caminhava para discursos antidemocráticos.

Desse modo, o artigo analisa o debate da Band que foi ar no dia 16 de outubro e o da Globo transmitido no dia 28 de outubro, a fim de entender quais as potencialidades dessa nova proposta em ascensão, as perdas e também os perigos da queda da mediação seja por conta das fake news ou, ainda, pela descredibilização e importância do jornalista na condução de um diálogo sério e responsável.

A análise lança mão das metodologias: Análise da Materialidade do Audiovisual (COUTINHO, Iluska; 2016) e a Dramaturgia do Telejornalismo (COUTINHO, Iluska; 2012), além de dialogar com autores clássicos da Ciência Política, pesquisas em comunicação e jornalismo, como uma tentativa de refletir acerca desse novo formato e pensar em recursos para que propostas mais dialogadas possam ser desenvolvidas para atender o dinamismo advindo das redes sociais, mas sem corromper o emissor com desorganização no percurso ou com desinformação, que fez “gol” com o jornalista, também chamado de emissor, sendo colocado para escanteio nesse novo formato.

Palavras-chave: jornalismo; eleições; desinformação; debates presidenciais; fake news

¹ Trabalho submetido ao Encontro Regional Sudeste 2022 de Ensino de Jornalismo - GP Pesquisa na graduação

² Gabriel Bhering, graduando em jornalismo na Faculdade de Comunicação da UFJF, bhering.gabriel@estudante.ufjf.br



Referências Bibliográficas

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

COUTINHO, Iluska. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível**. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo, SP. Anais eletrônicos... São Paulo, USP, 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.shtml> Acesso: 28 abr de 2022

INTERVOZES, Coletivo Brasil de Comunicação Social. **Desinformação: ameaça ao direito à comunicação muito além das fake News**. São Paulo, 1999. Disponível em intervozes.org.br

KARNAL, Leandro. As FAKE NEWS surgiram bem antes da internet. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ekmmvqWHTYA>. Acesso em: 28 ago 2022

MARCONDES, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

TRIGO, Luciano. **Guerra de Narrativas**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018.

WEFFORT, Francisco. Os clássicos da política 1. Décima terceira edição. São Paulo, Editora Ática, 2001.

WEFFORT, Francisco. Os clássicos da política 1. Décima terceira edição. São Paulo, Editora Ática, 2001.